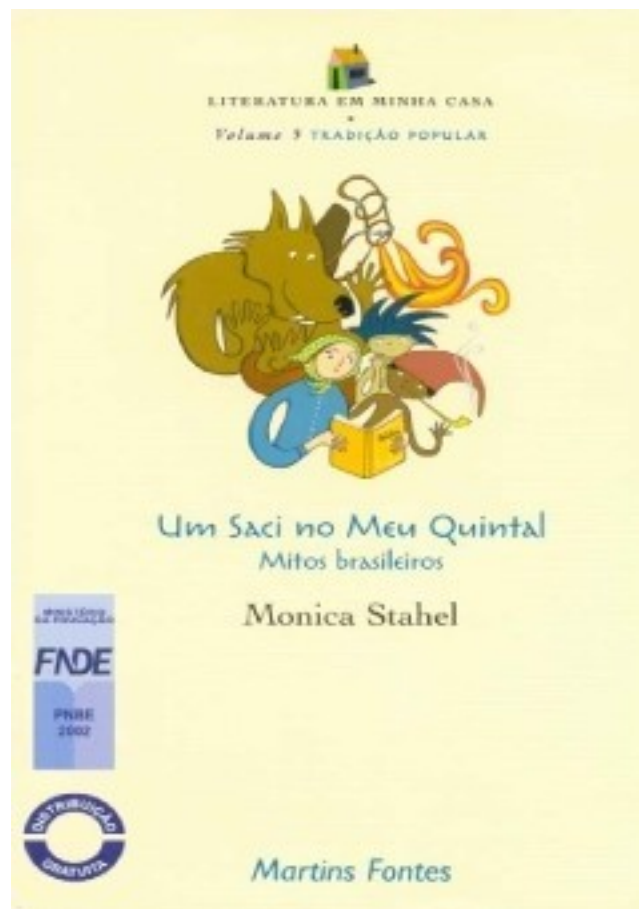




Um Saci no Meu Quintal

Mitos brasileiros

Monica Stahel

Por que conhecer mitos brasileiros

Agora você está entrando no mundo dos mitos. Mas o que são mitos?

São figuras criadas pela imaginação de um povo, que não existem na realidade.

Os mitos são encantados, eles têm poderes mágicos que as pessoas comuns não têm. Com sua magia, podem fazer o bem, fazer o mal ou simplesmente assustar as pessoas para se divertir à custa delas. A maioria dos mitos usa seus poderes para castigar o que é considerado do mal e recompensar o que é considerado do bem.

Um mito pode assumir forma de gente, animal, objeto e até planta, montanha ou rio. Alguns podem mudar de forma dependendo da ocasião, outros podem ter forma mista, por exemplo metade gente, metade animal.

As histórias que são contadas a respeito dessas figuras chamam-se lendas. O conjunto dos mitos e das lendas de um povo chama-se mitologia.

Em sua mitologia, os povos falam de seus sentimentos e de seus costumes. Falam do que acham certo ou errado, do que deve ser castigado ou recompensado. Histórias mágicas de vingança, castigo ou recompensa se misturam a acontecimentos reais, como por exemplo grandes secas, guerras ou enchentes.

A mitologia brasileira é formada principalmente por elementos indígenas, africanos e portugueses. Saci, lobisomem, caipora, curupira, mula-sem-cabeça são mitos brasileiros.

Sua aparência e as lendas sobre eles variam de uma região para outra e de uma época para outra, pois vão se modificando à medida que são contadas de boca em boca.

Nos mitos brasileiros estão nossas tradições, nossa história, os sentimentos que fazem parte da nossa formação. Conhecendo nossos mitos, você poderá contá-los para seus amigos e, mais tarde, para seus filhos. Conhecer e transmitir nossos mitos para os outros é o único jeito de não deixar que eles morram.

Monica Stahel

O autor fala de sua obra

Um dia, um menino pediu para eu contar uma história. Escolhi um livro e já ia começar a ler, quando ele disse:

— Não, vovó, eu quero história de boca.

Fechei o livro e comecei a contar uma história que eu trazia guardada num canto da lembrança. Inventei umas coisinhas para preencher as falhas da minha memória, e o menino adorou.

Talvez algum dia ele conte a mesma história para seus netos, também inventando umas coisinhas para preencher as falhas da memória dele.

Um tempo depois, sugeriu-se que eu fizesse um livro sobre mitos brasileiros. Debrucei-me sobre a idéia, fui aos estudos, às pesquisas, a autores que recontavam lendas da nossa mitologia, e este livro foi se fazendo.

Imaginei como seria se, numa cidade tranqüila, igual a muitas que conheço, comessem a aparecer sacis, lobisomens, caiporas e outros seres. Inventei situações com as quais eu mesma acabava me divertindo. Para descrever as figuras e características de cada mito, baseei-me no que tinha colhido em outros livros.

Estava nesse pé quando, um dia, uma amiga disse, assim por acaso:

— Meu pai já viu saci. E minha mãe tem um primo que foi seqüestrado por saci.

Tive um sobressalto. Perguntei como tinha sido. Ela contou o que lembrava, telefonou para os pais, pediu detalhes e lá estava: o mito do saci contado e confirmado por quem tinha visto.

Era isso que eu queria acrescentar ao meu livro: o mito vivo, o mito vivido. Eu queria histórias de boca.

Guiada por um amigo, comecei a perguntar, no trabalho, no restaurante e até por telefone. Foi o que bastou: um tinha visto saci, outro era vizinho de lobisomem, outro ainda falava do pai, da mãe ou do irmão que em algum momento da vida tinha topado com caipora ou mula-sem-cabeça. As histórias não paravam de sair, numa linguagem de riqueza fabulosa.

Eram contadas por pessoas que vinham de longe e que guardavam na

memória um tesouro enorme, quase sempre abafado pela vida na cidade grande. Pode ser que cada um tenha inventado umas coisinhas, para preencher as falhas da memória. Mas o mito é assim, ele caminha, e ao caminhar se transforma.

Para mim foi uma descoberta. O que transcrevi no final de cada parte deste livro foi apenas uma pequena amostra da riqueza imensa que esses contadores aceitaram compartilhar comigo. Agora quero continuar, quero ouvir mais histórias de boca, muito mais. Quem quiser que venha comigo.

Monica Stahel

Monica Stahel nasceu em São Paulo, em 1945. Formada em Ciências Sociais pela USP, em 1968. Na década de 70, ingressou na área editorial, exercendo várias funções ligadas à edição e produção de livros. Durante doze anos, trabalhou na Editora Martins Fontes tendo como tarefa principal a avaliação de traduções e a edição de textos.

Paralelamente, desenvolveu seu trabalho de tradutora, hoje sua atividade principal. Por seu trabalho de tradução de livros infantis e juvenis, seu nome foi incluído, por indicação da FNLIJ, na lista de honra do ano 2000 da IBBY — International Board on Books for Young People. Além deste “Um saci no meu quintal”, escreveu também “Tem uma história nas cartas de Marisa”, publicado pela Editora Formato, e “O leão que rugia flores”, que acaba de ser publicado pela Martins Fontes.

Patricia Lima nasceu em São Paulo em 1972. Quando criança suas brincadeiras favoritas eram desenhar, pintar e criar novos brinquedos com sucata e massinha. O tempo foi passando, ela foi crescendo e nunca parou de brincar. Começou a fazer ilustrações profissionalmente em 1996, para revistas e livros.

Sumário

Saci

Lobisomem

Caipora e curupira

Mula-sem-cabeça

Glossário

Na minha cidade, as coisas da vida aconteciam como em todo lugar: um dia amanhecia alegre, outro era triste e pesado; uma semana passava depressa, outra demorava para acabar; uma hora João adoecia, outra hora Maria se curava; de manhã era um cachorro que morria, à tarde era um gato que nascia.

E eu continuava sempre ali, morando na mesma casa, trabalhando no mesmo lugar, conversando um dia com a vizinha, outro dia com alguém que passava, vendo criança crescer e adulto envelhecer. Era tudo sempre igual, igual...

Mas um belo dia minha cidade começou a se agitar, coisas estranhas começaram a acontecer. E eu, que sempre achei que só existe o que a gente vê, nessa ocasião confirmei muita história que li nos livros e que me contaram de boca. E vou dizer uma coisa: só acredito no que eu vejo, mas meu olho é meu e com ele posso ver o que eu quero.

Saci

Uma vez, já no começo da noite, eu entrei na cozinha e, de repente, o fogo da sopa apagou. Olhei lá para fora, e a roupa que estava secando no varal, puft, foi toda para o chão.

Ai, meu Deus, tanto trabalho para tirar as manchas daquela camisa branca, para esfregar aquelas meias, para deixar aquele lençol limpinho e cheiroso, e agora tudo ali, rolando pelo chão de terra. Que raiva! Antes de mais nada, precisava me acalmar. Peguei o leite na geladeira, mas o leite azedou na horinha em que o despejei no copo.

"É saci!", eu pensei.

Estava cansada de ver saci nos livros, nas revistas, na televisão, no cinema. Mas sempre achei que fosse bobagem, invencionice. Só que aquele dia eu vi. Será mesmo coisa de saci?

Fui primeiro consultar dicionários, ler alguns livros, reler outros. Queria saber mais, queria entender, queria me preparar para não ser pega de surpresa outra vez. Porque saci é assim, quando a gente menos espera, ele apronta.

O saci, ou saci-pererê, é um menino negro, de carapuça vermelha e que anda sempre fumando um cachimbinho. Quer dizer, anda lá do jeito dele, porque saci tem uma perna só.

Anda aos pulos, mas numa velocidade que não dá para acreditar.

Quando a gente pensa que o saci está de um lado, já ouve o assobio dele lá do outro. Sim, porque ver mesmo o danadinho é muito difícil. Além de ser muito veloz, ele gosta do escuro, quase sempre começa a agir depois que anoitece.

Só sai de dia quando sabe que vai arranjar um canto escurinho para se esconder.

Mas saci não é covarde, não; sempre faz questão de mostrar que está por perto. O sinal da presença dele é um assobio inconfundível.

Saci gosta de fazer travessura, para assustar e irritar as pessoas. No fundo, o moleque não é mau. É difícil ele fazer maldade pesada. Na hora de levar bronca, solta seu assobio e corre para se esconder nos cantos, na mata, atrás da roupa do

varal ou no meio das árvores, e fica só espiando a pessoa xingar e maldizer os seus estragos.

Mas, quando vê alguém em apuros, procurando um objeto perdido, ele é até capaz de ajudar a procurar.

Agora, há quem diga que com os animais o saci é mais impiedoso. Uma das manias que ele tem é sugar o sangue do pescoço dos cavalos.

Que danado! Daquele tamaninho, consegue subir até no pescoço do cavalo mais alto do mundo.

Veja só a esperteza do saci: ele dá um nó na crina do animal para firmar o seu único pé.

Então se encarapita no pescoço do coitado e começa a sugar seu sangue. Cavalo mordido por saci sai galopando apavorado, derrubando tudo o que encontra pela frente, e leva dias para se refazer do susto. Quando volta, chega exausto, sujo, faminto e com a crina cheia de nós.

As galinhas também são vítimas da maldadezinha do saci.

Imagine que o moleque tem a manha de espantar galinha do ninho para fazer gorar os ovos dela!

Como será que o pestinha consegue tanta energia para atazanar o mundo desse jeito? Pois isso tem uma explicação: a carapuça. Sem o gorrinho vermelho, acabou-se a força do saci.

Ele perde o poder de pular, perde o poder de assobiar, perde até o poder de inventar estripulias.

Por isso, quem consegue arrancar aquela carapuça, tem o saci nas mãos. Ele fica mansinho, acabrunhado, e faz mil promessas para a pessoa devolver seu gorro: diz que dá montanhas de dinheiro, promete trazer de volta a namorada perdida, jura que vai dar proteção contra os outros seres da mata.

Quando o saci resolve proteger algum ser humano, a arma principal que ele usa é soltar um cheiro de enxofre, que disfarça o cheiro de gente. Assim, ele despista as feras e outros seres da mata que queiram atacar seu amigo.

Dizem que o saci tem um furo bem no meio da palma da mão. Ele até gosta de brincar com pedacinhos de brasa, fazendo passar pelos furos, de uma mão para outra. Outra brincadeira que ele adora é pular no meio do vento e rodopiar, girar, até

formar rodamoinho. Por isso todo o mundo diz que em cada rodamoinho com certeza tem um saci. Para conseguir pegá-lo, é só jogar uma peneira bem no centro do rodamoinho. Mas tem uma coisa: a peneira tem que ser de taquara trançada, formando no fundo o desenho de uma cruz.

O saci que a gente mais conhece é esse molequinho de uma perna só. Mas ele também aparece de outras formas.

Em algumas regiões, o saci aparece sob a forma de um indiozinho, que anda sozinho ou acompanhado de uma bruxa velha. Há lugares também em que ele é um pássaro pardo, rajado de preto, chamado matintapereira ou matitaperê.

Esse pássaro tem um assobio misterioso, que a gente nunca sabe de onde vem.

(Esta história quem me contou foi o Sr. João Antônio dos Santos, conhecido por Ginho. Foi um caso que aconteceu com ele em Santa Cruz do Rio Pardo, uma cidade do interior do Estado de São Paulo.)

Eu era ainda menino e morava num sítio. Ao lado da minha casa tinha uma goiabeira enorme, de tronco grosso, a maior goiabeira que já se viu.

Na roça, a vida começa de madrugada, e por isso todo o mundo costuma deitar muito cedo. Eram umas oito da noite, e eu já estava quase dormindo quando ouvi um barulho muito, muito estranho. Pulei da cama e abri a janela, para ver o que estava acontecendo.

Nisso ia passando uma velha andante. Por ali todo o mundo se conhecia. Acontece que aquela mulher eu nunca tinha visto antes, com toda a certeza. A velha não estava sozinha, estava na companhia de uma coisa. Firmei a vista, mas não consegui ver que coisa era aquela, se era bicho, gente ou o quê. Lá da sala, minha mãe, dona Benedita, falou, com voz assustada:

— Ô Ginho, para que abrir a janela? Que arzinho mais esquisito, chega a me dar arrepio. Feche já essa janela, menino.

Mas eu não fechei coisa nenhuma. Eu queria ver, eu precisava ver tudo. Então a goiabeira, aquela goiabeira enorme, começou a balançar.

Chulap, chulap, ela balançava forte, se dobrava, requebrava, parecia uma dançarina doida, a copa chegou a encostar no chão. Dali a pouco tudo se aquietou, a

goiabeira parou de se mexer. E no ar se ergueu um assobio, um daqueles silvos que só saci mesmo consegue dar. Não tem como duvidar.

Não foi ninguém que me contou, fui eu que vi. Nós três vimos, eu e meus dois olhos.

(Dona Signorina D. Morgado dos Santos, também conhecida por dona Alice, é mulher do Sr. João. Ela também tem história de saci para contar.)

A gente morava no sítio. Eu tinha um primo chamado Tonho, filho da tia Helena e do tio Deodato. Um dia, ainda muito criança, o Tonho sumiu de casa.

Saiu todo mundo procurando. Vasculhando todas as terras da redondeza, e nada, nem sinal do menino. Os parentes e vizinhos se juntaram.

Enquanto uns procuravam, outros rezavam, faziam promessa.

O sumiço durou o dia todo e a noite inteira.

No dia seguinte, o Tonho apareceu. Estava sujo, faminto e parecia meio estonteado. Por mais que a gente perguntasse, ele dizia que não se lembrava de nada do que tinha acontecido.

Não sabia onde tinha passado a noite nem como tinha voltado para casa.

A única pista, o único sinal, foi aquele assobio que veio lá do bambuzal bem na hora em que o Tonho chegou.

Todo o mundo ouviu aquele silvo que só o coisa-ruim sabe dar.

Ninguém mais duvidou de que o menino tinha sido seqüestrado pelo saci.

E tem mais: lá no sítio, cansei de ver cavalo com crina cheia de nó. E, perto das porteiras, onde cresce muito bambuzal, eu sempre ouvia o assobio do saci. Todo o mundo sabe que bambuzal serve de casa e de ninho para saci.

(Manuel Tomé de Lima, mais conhecido por Messias, me contou este caso. Ele é de União de Palmares, em Alagoas.)

Quem contava esse caso era minha mãe. Aconteceu lá no sítio onde a gente morava. No caminho que minha mãe fazia para ir à roça, ao lado de uma porteira tinha um pé de jaca. Minha mãe passava pela porteira e ouvia um assobio e uma

risadinha. Olhava para trás e via um negrinho.

Era todo dia a mesma coisa. Ela passava e o molequinho assobiava e ria.

Um dia, minha mãe encontrou a jaqueira caída no chão.

O molequinho continuava ali, e assobiou e riu de novo, assim que ela passou.

Mesmo caída, a jaqueira continuou dando jaca por muitos anos, e o negrinho também continuou ali, assobiando e rindo para a minha mãe. Só podia ser saci.

Será que foi saci mesmo que passou pela minha casa?

Eu sei o que li e ouvi. E sei o que vi: de repente o fogo da sopa apagou, a roupa que estava secando no varal saiu rolando pelo chão de terra, o leite fresquinho azedou.

Foi uma trabalhadeira para consertar os estragos... do saci.

Lobisomem

Um domingo, fui até a banca da praça, comprar o jornal e dar uma olhada nas revistas novas. Foi então que seu Firmino jornaleiro, me olhando meio de lado, perguntou como quem está louco para responder:

— Já soube da novidade? Viu só que maluquice?

— Não soube de nada não, seu Firmino. Agora é que vou ler o jornal. O que foi?

— Eu vi lobisomem.

Meu coração pulou, meu ouvido assobiou e minha cabeça girou que nem um rodamoinho.

Primeiro foi saci, agora lobisomem?

Seu Firmino confessou que já tinha contado aquela história milhões de vezes, mas não conseguia se acalmar.

E, mais uma vez, ele desandou:

— Sexta-feira é dia de muita gente na praça, costume fechar só lá pelas

onze. Mas na sexta passada, depois que o povo foi todo embora, fiquei dando uma ordem na banca. O tempo passou depressa e, quando o sono me avisou, já era quase meia-noite. Apaguei a luz, baixei a grade, e clac, UUUUUU, có-có-có-có! Mal travei o cadeado, aquele uivo comprido atravessou a praça, e as galinhas aprontaram o maior berreiro.

Já pensei logo no meu pessoal, a mulher e os filhos dormindo lá em casa. Minha casa é aquela amarelinha, ali na esquina da rua um, a senhora sabe.

— Seu, seu Firmino.

— Então corri até lá. Nem bem cheguei, foi mais um uivo, dessa vez se afastando para os lados do bairro novo. Um Uivo comprido, e eu vi.

— Viu o uivo, seu Firmino?

— Não, o uivo eu ouvi. O que eu vi foi o rastro do lobisomem.

Está lá até hoje, para quem quiser ver.

— Pois eu quero ver, sim, seu Firmino.

Seu Firmino baixou a grade da banca e, clac, travou o cadeado.

Fomos até a casa dele, e eu também vi. Vi um rastro que vinha do galinheiro e saía pelo portão do jardim.

Muita gente diz que, quando irmão casa com irmã, nasce filho lobisomem. Mas parece que isso não é bem verdade.

O fato é que lobisomem está ligado ao número sete.

Então é assim: numa família, quando nascem sete filhas e depois um filho, esse filho é lobisomem. Ou então, se uma mulher tem sete filhos homens em seguida, o sétimo é lobisomem.

Quem vê um lobisomem de dia nem imagina que ele seja o que é. Sua aparência é de uma pessoa como qualquer outra.

É verdade que é sempre um homem magro, alto, pálido, de orelhas meio grandes e sobrancelhas cerradas, que não gosta muito de conversa.

Mas, para quem não sabe de nada, é só um homem meio esquisito, e ponto final.

O caso é que, em algumas ocasiões, esse homem se transforma numa criatura horrenda.

Isso passa a acontecer depois que ele completa treze anos. Há quem diga que essa transformação ocorre todas as terças e sextas-feiras, entre meia-noite e duas da madrugada. Outros dizem que é toda quinta-feira, outros que é toda sexta à meia-noite, e outros ainda que é toda noite de lua cheia. E muita gente também afirma que ele pode se transformar todos os dias, quando começa a escurecer.

Seja como for, o fato é que numa certa hora a transformação ocorre. O homem sai de casa e procura um lugar onde jumento costuma se espojar. Lá ele tira a roupa, se espoja também e muda de aparência. O lobisomem é homem-lobo. Tem uma cara enorme, peluda, orelhas enormes e pontudas, dentes caninos muito compridos e pontiagudos. E mais uma coisa: muitas vezes ele aparece com a pele virada do avesso, quer dizer, o pêlo para dentro e as carnes para fora. Mal dá para imaginar, deve ser um horror! Alguns dizem que só a cara e o peito do lobisomem são de lobo, outros dizem que é o corpo todo.

Depois dessa transformação, o lobisomem tem que cumprir sua sina. Aqui entra de novo o número sete: ele tem que passar por sete cemitérios, sete vilas e sete encruzilhadas, antes de voltar ao ponto de partida.

Enquanto faz essa caminhada, o lobisomem vai aprontando das suas. Quando sai ao escurecer, ele passa correndo pelas casas em que as pessoas ainda estão acordadas, solta um uivo terrível e apaga as luzes. Os cachorros, enfurecidos, saem correndo atrás dele, só que nunca conseguem pegá-lo. O lobisomem também ataca os galinheiros, porque ele adora comer titica de galinha. Por isso está sempre com os dentes sujos e com a boca cheirando mal.

Mas isso não é nada. O homem-lobo faz maldades muito piores, de arrepiar o cabelo. Além de assustar cachorros, gado, crianças e adultos, ele devora filhotes de animais e também bebês pagãos.

Aí é que está a tristeza: muitas vezes, gente de alma boa, incapaz de fazer mal a uma mosca, transforma-se à noite nessa criatura ruim e perversa. Por isso a vida do lobisomem é tão sofrida. Ele sabe de toda a desgraça que espalha pelo mundo, e não pode fazer nada para mudar sua sina.

Agora, para quem esteja interessado, existe um jeito de romper o destino do homem-lobo: quando é ferido, ele vira homem para sempre. Só que é preciso ter cuidado, pois quem se suja no sangue dele vira lobisomem por sua vez. Outro jeito

de quebrar o encanto do lobisomem é cortar uma de suas patas. Na mesma hora ele vira homem, só que fica aleijado para o resto da vida.

Muita gente diz que, apesar de sua sina tão triste, o lobisomem fica furioso quando alguém tenta quebrar seu encanto.

(Este caso de lobisomem foi contado por Orlando Alves de Souza. Ele é de Rio do Pires, na Bahia.)

Quem me contou esta história foi minha mãe, dona Ana Francisca Marques.

Em Baraúna, a uns seis quilômetros de Rio do Pires, morava um casal conhecido da minha avó. Um dia esse casal teve um filho. Numa noite de

Quaresma, iam os três visitar a avó da mulher. O marido disse:

— Vá indo na frente com a criança, que logo a gente se encontra.

Quando a mulher foi passar por uma cerca, um homem veio por trás e quis pegar o filho dela, porque lobisomem gosta de devorar criança que ainda não é batizada. Para se defender, a mulher jogava o xale do bebê em cima do homem.

O pessoal da redondeza ouviu os gritos, correu para ajudar e levou a mulher de volta para casa. Nisso o homem, que era lobisomem, fugiu.

Antes de o galo cantar, o marido voltou para casa e encontrou a mulher e o filho dormindo. De manhã, quando a mulher acordou, viu o marido deitado a seu lado com uns fiapos do xale do bebê presos entre os dentes.

Assim ela soube que estava casada com um lobisomem.

Em noite de Quaresma, o marido ia até um curral, se misturava com os bichos, tirava a roupa, se despojava e virava lobisomem. De madrugada, ele tinha que voltar ao mesmo lugar para se vestir e virar homem de novo.

Tinha que ser antes de o galo cantar, senão ele ficava com a forma de lobisomem para sempre.

Ninguém sabe o que foi feito do casal.

(Esta história de lobisomem é das mais engraçadas.

Quem me contou foi Robson Santana dos Santos, de Montanha, cidade do interior do Espírito Santo.)

Este caso aconteceu com minha avó, dona Maria.

Em noite de Quaresma, sempre sumia galinha do sítio.

Toda manhã era a mesma coisa: minha avó contava as galinhas e sempre estavam faltando algumas.

Uma noite, ela e meu avô acordaram assustados com o barulho das galinhas cacarejando feito doidas. Os dois levantaram e foram ver o que estava acontecendo. Quando chegaram perto do galinheiro, deram com um bicho grande e peludo, que tinha umas orelhas enormes.

O bicho olhou para eles e começou a bater palmas.

Mas ele não batia palmas com as mãos, não. Batia palmas com as orelhas, fazendo um barulhão danado.

Minha avó conta que, de tanto medo, meu avô ficou com o cabelo arrepiado e duro que nem espeto. Durante muitos dias ele não conseguiu nem se pentear.

(Aqui vai um caso contado por Horácio de Souza Carvalho. Ele é de Ipirá, na Bahia, e foi lá que tudo aconteceu.)

Lá na minha terra tinha muito lobisomem. Para se proteger, a gente tinha que andar sempre carregando um chicote e uma faca de cavalinho, que é uma faquinha pequena, com argola no cabo. De facão grande e porrete lobisomem não tem medo.

Lobisomem entra nas casas para devorar as crianças que ainda não foram batizadas. Mas aonde ele vai mais é em casa de farinha. De noite, quando o pessoal largava o serviço, sempre ficava um resto de farinha na bandeja.

Na manhã seguinte, quando a bandeja aparecia limpinha, podia contar que lobisomem tinha passado por lá e rapado tudo.

Em Ipirá eu tinha um vizinho que virava lobisomem.

Ele tinha quatro filhas. O nome dele era Salu. Era um homem bem moreno, mas tinha dia em que ele amanhecia muito amarelo.

Às vezes ele aparecia todo arranhado. As filhas perguntavam:

— Pai, o que foi isso, onde foi que o senhor se arranhou?

E ele respondia:

— Ah, é que de noite eu fui no mato e caí na jurubeba.

Mas era mentira. Ele tinha se arranhado na hora de se despojar.

Isso não é história. Não precisa dizer que inventou, não.

A gente estava ali, vendo.

O seu Firmino viu o rastro do lobisomem. E eu também vi.

Só não deu para perceber direito a forma das patas.

Afinal, era domingo de manhã, e o caso já tinha acontecido na sexta-feira à meia-noite. Além do mais, a mulher do seu

Firmino faz questão de varrer o jardim todos os dias.

Caipora e Curupira

Dona Lídia é a mulher do seu Heitor da farmácia. Ela tem uma cadela chamada Mila, muito branquinha e bem tratada. Que ninguém nos ouça, mas é uma cachorrinha de focinho em pé, muito cheia de vontade, isso sim. Até laço de fita na orelha ela tem.

Uma segunda-feira, voltando do trabalho, passei em frente da farmácia e lá estavam as duas tomando ar na calçada, dona Lídia e a cadelinha. Só que a Mila, coitada, até me deu pena: pêlo esfiapado, toda esfolada, cara arranhada, ela ali estatelada, humilhada, parecia um tapetinho velho. Se não fosse a dona estar do lado, eu nem ia reconhecer.

— Nossa, dona Lídia, o que foi que aconteceu com a Mila?

— Caipora.

— Caiu o que?

— Foi caipora. Lá na mata do Horto. Essa não! O que estava acontecendo com a minha cidade?

Saci, lobisomem, caipora...

E a dona Lídia destampou a choramingar a sua história:

— Domingo a gente costuma caminhar lá pelos lados do Horto.

Ontem, o Heitor resolveu entrar na mata e tentar pegar um gaturamo para pôr na gaiola daquele nosso que morreu o mês passado, coitadinho. E eu entrei junto, porque às vezes lá tem cada samambaia tão linda... A Mila, toda alegrinha, foi correndo na frente e se embrenhou no mato. De repente, o Heitor parou e me fez um sinal. Ali, bem na nossa cara, estava o passarinho que ele queria, pousado na samambaia que eu desejava. Tudo no jeito, feito de encomenda. Justo nessa hora, a gente ouviu um barulho de pau batendo em árvore, o gaturamo levantou vô e a Mila, pobrezinha, saiu de dentro de uma moita, ganindo que nem louca, toda machucada. Se não foi caipora foi curupira, é ou não é?

O caipora e o curupira têm um jeito de ser muito parecido, tanto que às vezes os dois são considerados como sendo o mesmo.

A descrição do caipora varia muito de uma região para outra.

A sua figura mais conhecida é a de um indiozinho, que anda pelado ou de tanga, na maioria das vezes montado num porco-do-mato ou em algum outro animal selvagem e levando um galho na mão.

Alguns dizem também que ele é peludo, tem olhos de fogo e cabelo arrepiado. Tem gente que até já viu caipora meio homem meio animal.

Em alguns lugares do Nordeste, as pessoas dizem que não é o caipora, mas a caipora. Quer dizer, caipora é uma mulher.

Então ela também é chamada de caboclinha.

Seja homem ou mulher, chame-se caipora ou caboclinha, o certo é que todos agem de jeito muito parecido.

Caipora é o senhor da floresta e domina os animais.

Ele avisa de sua presença balançando as árvores e batendo com um pau nos troncos: toc, to, toc. Homem ou mulher, caipora gosta muito de fumo e cachaça. Para não ser atazanado por caipora, o caçador que entra na mata deve deixar um cigarro ou um pedaço de fumo em algum lugar visível. No caso da caboclinha, é até bom avisar, dizendo em voz alta: "Vou deixar fumo para nossa amiga fumar."

Quando está sem fumo, caipora vira uma fera. Assombra os caçadores, faz uma barulheira danada, assobia em todo canto da mata, fazendo as pessoas perderem o rumo, e maltrata os cachorros. Tem muito cachorro que começa a latir e a

ganir desesperado, e o dono não sabe por quê. É caipora, que fica invisível e bate sem dó. Outra coisa que caipora faz, é enrolar cachorro em cipó de um jeito que o animal mal consegue se mexer.

Ressuscitar a caça também é arte de caipora. Quando algum animal é morto sem sua permissão, ele o cutuca com o focinho do porco em que está montado ou com o galho que trás na mão, e o bicho sai correndo, vivinho da silva. Aí é o caçador que quase morre de susto.

Em algumas regiões, caipora sai da mata e vai para as encruzilhadas assustar os viajantes que passam. Antigamente ele espantava quem vinha a pé ou a cavalo, depois começou a colocar pedras nas estradas e nas pontes, para amedrontar os caminhoneiros.

Muitos acham que o curupira é simplesmente um caipora de pé virado. De fato, ele aparece quase sempre como um menino, na maioria das vezes peludo, de calcanhar para frente e dedos do pé para trás.

Mora nos ocos das árvores e não gosta de lugar onde tenha muita gente. Tal como caipora, curupira gosta de fumo e de pinga, e sempre é bom deixar um pouco dessas coisas pelo caminho para agradá-lo.

Muitos dizem que o curupira é mau, que bate nos índios, maltrata os caçadores, engana os viajantes que passam pela floresta e os faz perder o rumo.

Às vezes o grito estridente do curupira ecoa pela mata e as pessoas, atordoadas, acabam se perdendo. Muita gente já ouviu contar de caçador que apanhou do curupira e voltou para casa muito machucado, sem se lembrar do que tinha acontecido.

Mas, na verdade, a missão do curupira é principalmente proteger as árvores e os animais. Nessa tarefa de tomar conta da mata, ele anda de um lado para o outro, o tempo todo. Na sua ronda, curupira assusta e castiga os caçadores que persegue fêmeas prenhes e filhotes. Além disso, ele só aceita que alguém cace ou colha plantas e frutas da floresta se for para matar a própria fome.

Ai de quem resolver caçar só pelo prazer de perseguir os animais ou para vender a carne. Esse há de sofrer as conseqüências!

Quando existe ameaça de tempestade forte, o curupira sai avisando. Bate nos troncos das árvores, e elas, então, fincam bem suas raízes no solo para não

serem derrubadas pelo vento.

Depois de sua correria, o curupira senta em cima do casco de um jabuti para descansar.

(João Joaquim dos Santos, mais conhecido por Camarão, é de Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Ele me contou uma história de um caipora metade homem, metade jegue. Não importa, o fato é que era caipora.)

Esses bichos não mexem com quem tem medo. Mas, se a pessoa diz e mostra que não tem medo, eles aparecem para enfrentar.

O meu tio andava sempre pela mata, levando faca na cinta e espingarda no ombro. Ele não tinha medo, toda hora ficava mandando o bicho aparecer. Até que um dia, debaixo de um pé de juá, meu tio viu e conversou.

Era um bicho grande, jegue e gente. Até a cintura era gente, da cintura para baixo era jegue. Então ele disse:

— Quero um cigarro.

Meu tio pegou o fumo, cortou com uma faca, fez um cigarro e pôs ali, em cima de uma pedra. Não deu na mão dele, não.

O bicho disse:

— Você não vai dar o cigarro na minha mão?

— Não, se quiser você pega.

O bicho pegou o cigarro e pediu:

— Dá para acender meu cigarro?

Meu tio respondeu:

— Não dá, não. Se quiser, pegue o fósforo.

E meu tio jogou o fósforo, sempre de longe. O bicho pegou e acendeu o cigarro. Aí ele foi embora. Ainda apareceu outras vezes, mas não mexeu com meu tio, porque sabia que não ia adiantar.

(Foi Ivete Batista dos Santos, de Salvador, Bahia, que me contou esta história de curupira ocorrida em plena cidade.)

É uma história curta, sem nada de especial. É uma história de curupira urbano.

Aconteceu com a minha mãe, dona Maria da Glória. Um dia ela saiu de casa para fazer compras, em Salvador mesmo, num lugar que ela conhecia bem e aonde sempre ia. Na hora em que terminou as compras, ela olhava para um lado, olhava para o outro, sem saber onde estava. Minha mãe não voltava, já estava todo mundo preocupado.

Muito depois ela chegou em casa, meio atordoada, sem se lembrar de nada. Só dizia que tinha sido pega pelo curupira.

E até hoje ela afirma isso, com toda a certeza.

(Manuel Tomé de Lima, que já tinha me contado uma história de saci, agora me contou um caso de curupira, que aconteceu com um amigo dele.)

Eu sou de Alagoas, mas morei em Juazeiro do Norte, no Ceará, durante seis anos. Lá eu tinha um amigo que era sapateiro. Ele trabalhava na cidade e morava na estrada do Horto, que sobe até a estátua do padre Cícero.

Uma noite, ele foi para a cidade se divertir e voltou bem tarde. No caminho, de repente ele ouviu um assobio.

Então ele disse:

— O que foi, tá com medo? Me acompanhe.

Mais uma vez ele ouviu o assobio. E mais uma vez ele disse:

— O que foi, tá com medo? Tá apiado? Me acompanhe.

E assim foi, até ele chegar em casa. Lá, assim que abriu a porta, ele levou um tapa por trás, na nuca. Foi um tapa tão forte, que ele foi jogado para dentro. A mãe dele disse:

— Isso é curupira. Só pode ser. Quando ouvir assobio, não pode responder, senão curupira bate mesmo.

Eu mesmo não passava na estrada do Horto depois das seis, de jeito nenhum.

Foi caipora que surrou a Mila? Ou será que foi curupira? Isso eu não sei. Só

sei que vi a cadelinha toda arrebetada. E sei também que a dona Lúdia e o seu Heitor só não pegaram passarinho e a samambaia porque um pau bateu na árvore e porque tiveram que acudir a Mila, que saiu do meio da moita pedindo socorro.

Mula-Sem-Cabeça

Seu Dedé é motorista de táxi. Ele passava o dia na praça, sentado no banco ou lustrando o carro, esperando passageiro.

A mulher dele é a dona Almerinda costureira. Essa passava o dia na máquina de costura e, no fim da tarde, sentava no alpendre da casa para fazer os acabamentos à mão.

Eu tinha mandado fazer uma camisa e, no dia marcado, fui buscar minha encomenda. Encontrei dona Almerinda no tal alpendre, fazendo a bainha de um vestido.

Ela estava furiosa. Costurava como se a agulha fosse um espeto e o pano um pedaço de carne dura.

Parecia que nós duas tínhamos combinado de encurtar a conversa.

— Aborrecida, dona Almerinda?

— Ah, meu marido está perdendo o juízo. Imagine só, minha irmã Joelma, tão caridosa, bordadeira das melhores... agora o Dedé inventou que ela é mula-sem-cabeça.

— E não é? — era seu Dedé chegando e já soltando a palavra.

— Eu sempre dizia que a Joelma ainda ia ter um fim de vida triste. Sem marido, só larga o bordado para ir rezar na igreja, tinha que dar no que deu. A mim ela não engana.

Ontem veio aqui...

— Veio lá de longe, de Morro Baixo, para me visitar, que sou irmã dela — reclamou dona Almerinda.

Eu sentia meu olho do tamanho de um ovo de ganso.

Eu queria sumir, mas também queria ouvir, ouvir tudinho.

— Você é irmã, eu sou cunhado, e daí? Não é por isso que vou me fingir de cego e bobo. Pois a senhora veja, a gente estava aqui tomando um café quando

vieram me chamar para levar um passageiro até um sítio, a uns trinta quilômetros daqui. Tive que sair voando, mas ainda deu tempo de dizer:

"Ô Joelma, não se preocupe com a hora. Se eu demorar, jante aí com a Almerinda, que depois eu levo você até Morro Baixo."

O caminho até o tal sítio era muito ruinzinho, não dava para correr. Na volta furou um pneu do carro, parei para trocar, e a noite acabou me pegando na estrada. Mal avistei a primeira casa da cidade, ouvi um barulho estranho, sinistro, um relincho misturado com choro. Olhei para o lado e só tive tempo de ver um clarão enorme, que foi se afastando junto com o som misterioso. Meti o pé no acelerador, com mais pressa do que nunca de chegar em casa. Num instante eu me vi entrando aí nessa sala. A Almerinda estava sozinha. E a Joelma?

A almerinda só fez confirmar: "Ficou aflita de tanto esperar, e foi embora faz um instante."

A mula-sem-cabeça é isso que o nome já diz. Ela galopa pelo mundo, assombrando quem encontra. Apesar de não ter cabeça, ela relincha e, mais do que isso, solta fogo pelas ventas e tem um freio de ferro. A mula-sem-cabeça tem um relincho muito alto, estridente, e às vezes parece que chora feito gente.

Muitos já devem ter ouvido a frase: "Mula-sem-cabeça é mulher de padre." A tradição diz que mulher que dorme com padre vira mula-sem-cabeça nas noites de quinta para sexta-feira. Essa história talvez tenha se espalhado porque os padres, para visitar seus fiéis, com frequência percorriam as estradas montados em mula. Em algumas regiões a mula-sem-cabeça é chamada de burrinha-de-padre ou simplesmente burrinha. Em outras, também é chamada de mula-de-padre.

Há quem diga que mula-sem-cabeça é mulher que dorme com o namorado antes do casamento.

Muitos elementos da mula-sem-cabeça se parecem com os do lobisomem. Na hora de virar mula, a mulher tira a roupa e se espoja. Depois da transformação, ela tem que passar por sete cidades, apavorando as pessoas com seu tropel, seu relincho pavoroso e o fogo que solta pelas ventas.

A mula-sem-cabeça costuma chupar os dentes e as unhas de suas vítimas. Por isso, para se livrar dela, a pessoa deve deitar de bruços e fechar bem a boca e as mãos, para esconder os dentes e as unhas.

Alguns dizem que a mula-sem-cabeça tem cascos de ferro.

Outros dizem que tem cascos de ouro. Assim, quando duas mulas-sem-cabeça se encontram e entram em luta, vence aquela que é mulher mais rica. Como ela tem mais ouro, seus cascos são mais pesados e suas patadas mais fortes.

Como no caso do lobisomem, a sina da mulher que vira mula-sem-cabeça é muito triste. Ela sabe que assusta e faz mal aos outros, mas não pode evitar seu destino.

Só que a mula-sem-cabeça sempre deseja muito se livrar do seu encanto.

Para quebrar o encanto da mula-sem-cabeça é preciso alguém tirar seu freio de ferro. Quando isso acontece, na mesma hora ela volta a se transformar em mulher. Se, ainda sem roupa, ela chora e se arrepende, deixa de virar mula.

Outro jeito de quebrar seu encanto é alguém fazer sair um pouco de sangue dela. Só um pouquinho já é suficiente, mesmo que seja por uma picada de agulha ou alfinete.

(Cícero Tomé de Lima viveu um caso de mula-sem-cabeça. Ele pediu para seu irmão Manuel, aquele que é conhecido por Messias, me contar sua história.)

Uma noite, Cícero saiu de casa, montou numa égua e foi buscar animal no pasto. Quando chegou na cancela, a égua empacou, não quis saber de atravessar. Meu irmão insistia, mas ela não saía do lugar. Então ele desmontou, fez a égua passar devagarinho pela cancela e montou de novo. A partir daí ele percebeu que estavam sendo seguidos por um outro animal. A égua dele galopava, o outro animal vinha galopando atrás. Na volta, foi a mesma coisa. Ele vinha montado na égua, trazendo os animais do pasto, e ouvia o tropé vindo atrás, o tempo todo. A égua, apavorada, disparou de volta para casa. Quando chegou no terreiro, a égua freou e o animal que vinha atrás freou também. Minha mãe saiu no terreiro, viu a égua cansada daquele jeito e disse:

— Maltratando a coitadinha, é?

Aí meu irmão contou o que tinha acontecido. Minha mãe então explicou:

— É mula-sem-cabeça, que fica sempre pastando perto da cancela, esperando outro animal passar para ela acompanhar.

Isso se confirma por uma história que meu pai contava. Uma noite ele resolveu ir até a cidade. A irmã dele, minha tia, disse:

— Duvido que a égua passe na cancela do riacho.

Meu pai não deu atenção, montou na égua e lá se foi.

Mas a égua não quis saber de passar, de jeito nenhum. Meu pai teve que voltar. Quando ele chegou, minha tia riu:

— Não falei que não passava?

(Orlando Alves de Souza que já tinha me contado um caso de lobisomem, contou depois os encontros de seu avô com a mula-sem-cabeça.)

Meu avô, João Antônio Marques, por causa do trabalho, muitas vezes tinha que viajar de Rio do Pires, na Bahia, para São Paulo.

Então ele vinha a cavalo. A viagem levava meses. Em muitas ocasiões ele topou com mula-sem-cabeça. Aquele animal enorme aparecia na frente dele, cuspidando fogo. O cavalo se assustava, se erguia todo e disparava. Muitas vezes meu avô teve que continuar a viagem a pé, porque caía do cavalo e o animal sumia apavorado.

(Horácio de Souza Carvalho, aquele que tinha um vizinho lobisomem lá em Ipirá, na Bahia, me contou esta história de mula-sem-cabeça.)

Para virar mula-sem-cabeça, a mulher tem que fazer como homem quando vira lobisomem. Tem que se despojar e tirar a roupa. Depois ela tem que virar a roupa do avesso e deixar no lugar onde se despojou. Mas a roupa tem que ficar mesmo virada do avesso. Aí a mula sai galopando, com um chocalinho no pescoço, e passa por sete cidades, assustando as pessoas. Então ela volta, se veste e vira mulher outra vez.

Lá na minha terra, tinha uma moça que virou mula-sem-cabeça e o irmão viu. Então ele pegou a roupa dela, que estava do avesso, virou do direito e deixou no mesmo lugar.

Quando a mula voltou, não conseguiu desvirar a roupa e não pôde mais se

transformar em mulher. Acabou morrendo como mula.

Será que a Joelma, irmã da dona Almerinda, era mesmo mula-sem-cabeça? Isso eu não sei. Dessa vez eu não vi nada.

Mas a história do seu Dedé dá o que pensar. Afinal, por que ela ficou tão aflita para ir embora se o cunhado prometeu que a levava para casa de carro?

Muita coisa continua acontecendo na minha cidade.

Boitatá, mãe-d'água, boto, mãe-do-ouro, volta e meia algum deles dá sinal de vida. Na rua ou na praça, no mato ou na casa de alguém, cada vez é um que deixa uma história para contar. Ora é um caso que assusta e dá medo, ora é outro que revela um segredo; um dia é uma história que faz rir, no outro é uma que faz chorar.

E aquela cidade onde as coisas da vida aconteciam como em todo lugar, onde era tudo sempre igual, agora está diferente: todo dia tem novidade, o dia todo é falação, todos têm o que contar.

Glossário

As palavras estão explicadas neste glossário só pelo sentido com que são empregadas neste livro.

— A

acabamento — tratamento final de um serviço, arremate. Fazer os acabamentos de uma costura é pregar botão, costurar a bainha etc.

acabrunhado — abatido, humilhado, meio tristonho.

alpendre — puxado do telhado, formando um terraço na frente de uma casa. O alpendre é uma varanda aberta.

amedrontar — pôr medo.

andante — pessoa que não tem morada fixa e anda sem rumo. Em geral o andante não trabalha e vive das esmolas e da comida que os outros lhe dão.

apiado — o mesmo que peado (ver peado neste glossário).

atazanar — atormentar, incomodar.

— C

cancela — porteira.

caninos — os dentes pontudos que, em gente, ficam um de cada lado dos quatro dentes da frente. Nos animais os dentes caninos também são chamados de presas.

casa de farinha — lugar onde se faz a farinha de mandioca. Em geral é só um telheiro, que abriga todos os instrumentos para moer a mandioca, secar e torrar a farinha.

— D

despojar-se — o mesmo que espojar-se (ver espojar-se neste glossário).

— E

embrenhou-se — do verbo embrenhar-se. Embrenhar-se no mato é se enfiar pelo mato.

encruzilhada — lugar onde dois caminhos se cruzam.

esfiapado — desfiado, que está se desfazendo. Um pêlo esfiapado é um pêlo meio ralo, que parece estar soltando fiapos.

espojar-se — rolar e se esfregar no chão. Quando um animal se espoja, ele deita no chão e rola de costas, de um lado para outro. Na fala de algumas regiões, diz-se despojar.

estatelada — estendida, chapada, deitada imóvel.

estridente — que tem um som fino e alto. Um grito estridente parece que vai furar o ouvido da gente.

estripulias — travessuras.

— G

ganindo — do verbo ganir. Ganir é soltar ganido, aquele gemido gritado do cachorro quando ele está com dor ou com medo.

gaturamo — passarinho pequeno, azul-escuro e amarelo, que se alimenta de frutos e tem um canto muito bonito.

— I

inconfundível — que não dá para confundir com outra coisa.

invencionice — coisa inventada, lorota.

— J

jaqueira — pé de jaca. A jaca é uma fruta grande, de casca áspera verde-amarelada, que por dentro é cheia de caroços, cada um envolvido numa polpa doce e de cheiro forte.

juá — fruta redonda e amarela, doce e meio ácida, que se pode comer. O pé de juá também é chamado de juazeiro. É uma árvore muito comum no Nordeste, com os galhos cheios de espinhos e que não perde as folhas na seca, por isso serve para dar sombra ao gado.

jurubeba — nome de vários tipos de planta do mato, de uma mesma família. A desta história deve ser a jurubeba-de-espinho, que dá um fruto pequeno, amarelo-esverdeado.

— P

pagãos — plural de pagão. Pagão é quem não é batizado.

peado — com os pés amarrados, sem poder andar.

perversa — má, malvada.

pontiagudos — em forma de ponta, pontudos.

prenhe — grávida. É um termo mais usado para animais. Uma fêmea está prenhe quando está esperando filhote.

— R

rajado — listrado.

relincho — a voz do cavalo.

— S

sina — destino.

— T

tropé — o mesmo que tropel (ver tropel neste glossário).

tropel — barulho da correria de cavalos. Na fala de algumas regiões, usa-se tropé.

— U

urbano — que é da cidade. Um curupira urbano é um curupira da cidade.

— V

vasculharam — do verbo vasculhar. Vasculhar é investigar, procurar com cuidado.

ventas — os buracos do nariz. Em geral se usa este termo para animais. Soltar fogo pelas ventas é soltar fogo pelo nariz.